

Enfoques de gênero na história social

Entre a Virtude e o Pecado

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org.).

Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas, 1992.

Não temos no Brasil a tradição de coletâneas e nem sempre este tipo de livro se caracteriza por uma unidade temática que desperte nosso interesse por todos os artigos. Este conjunto de textos organizados por Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini contradiz, do primeiro ao último artigo, esta idéia negativa de coletâneas. Este livro traz a interessante contribuição de nove pesquisadoras financiadas pelo V Concurso de Dotações para a Pesquisa sobre a Mulher Brasileira, organizado pela Fundação Carlos Chagas, com o apoio da Fundação Ford, em 1988.

Como nas coletâneas dos concursos anteriores, os artigos desta apresentam tanto novos enfoques temáticos para a problemática em questão, como também sugerem novos caminhos teóricos e metodológicos para os estudos de gênero.

Mas, a principal característica desta coletânea em relação às anteriores é a visível ampliação do campo dos estudos sobre gênero na área de História Social. Vejamos mais em detalhe cada um dos artigos.

Maria Lúcia Mott nos leva ao século XIX onde analisa, através da instigante história de Mme Durocher, uma parteira francesa que se vestia de homem, os mecanismos higienistas que levam a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a criar uma das primeiras carreiras femininas no Brasil, a de parteira profissional. A criação do Curso de Parteias, em 1832, que à primeira vista nos parece uma conquista das mulheres, se revela contraditoriamente como a masculinização de um saber tradicionalmente de mulheres negras, mulatas e pobres, as "comadres".

Também abordando a criação de uma profissão feminina, a de "mulata profissional", já agora no final do século XX, Sônia

Giacomini mostra como atributos raciais e femininos, outrora desvalorizados, são suporte para a profissão de "mulata para exportação". Usando a técnica antropológica de observação participante, a pesquisadora descreve a construção desta identidade profissional/pessoal no espaço de um Curso de Formação Profissional de Mulatas, no Rio de Janeiro. Descobrimos pelos depoimentos que para ser "mulata" não basta a cor da pele mas também a posse de outros atributos "naturais": um corpo arrendado, a habilidade para a dança e "ter raça". Falta talvez uma análise mais aprofundada sobre o essencialismo utilizado para a construção desta dupla identidade, de mulher e de mulata, estudo que viria apenas enriquecer a interessante análise da autora.

A pesquisa de Sônia Maluf sobre as bruxas na ilha de Santa Catarina, também numa perspectiva antropológica, é uma das poucas nesta coletânea que se preocupa em fazer uma análise relacional do feminino e do masculino, no caso em uma comunidade litorânea tradicional, onde inconscientemente todas as mulheres são potencialmente bruxas. A partir de narrativas de homens e de mulheres sobre as perigosas bruxas que à noite tanto podem roubar a canoa dos homens e seus instrumentos de pesca, quanto entrar sorrateiramente nas casas e fazer adoecer recém-nascidos, Sônia se pergunta sobre o poder oculto das mulheres num universo simbólico onde paradoxalmente as relações de gênero são dominadas rigidamente pelos homens.

Numa abordagem mais interdisciplinar, Maria Fernanda Bicalho nos fala do rico universo de representações do feminino que o cinema mudo dos anos 20 desvela. Este período se caracterizou pelo desenvolvimento da indústria, assim como da crítica cinematográfica no Brasil. Ao mesmo tempo que se copiam modelos norte-americanos da mulher sedutora e da garota trabalhadora independente, inicia-se um processo de "nacionalização" destes modelos expressos em dois tipos de mulher: as ingênuas (frágeis, magras e de feições angelicais) e as vamps (com curvas avantajadas e insinuantes e for-

mas esculturais). Muito interessante é também sua análise do campo cultural que se cria em volta desta indústria cinematográfica com a chegada de atrizes européias imigrantes e a criação de uma escola de atores em São Paulo.

Ainda no campo da História Social, os trabalhos de Eliana Goldschmidt e de Ana Maria Magaldi se debruçam sobre modelos desviantes de comportamento feminino tanto no Brasil Colonial, quanto na virada do século XIX para XX. A partir da análise dos relatos de crimes relativos a transgressões sexuais conservados no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Eliana ressaltava tanto os modelos desejados para as mulheres de "moça virgem, esposa fiel e viúva recatada" quanto os exemplos de transgressão. Já Ana Maria investiga a posição da mulher na virada do século XIX para o XX pelas figuras femininas dos romances de Machado de Assis e de Aluizio de Azevedo. Comparando estes modelos é possível constatar que, se no Brasil Colonial era a Igreja que determinava os bons modelos de comportamento, a partir do século XIX é a Medicina que prevalecerá na imposição de novas formas de relacionamento familiar.

Saindo da História e entrando na área da Linguística, a pesquisa de Judith Hoffnagel e Elizabeth Marcuschi introduz o público brasileiro a uma importante vertente nos estudos de gênero: o uso da língua portuguesa por mulheres e homens. Comparando três tipos de eventos interacionais (faixas espontâneas, diálogos estimulados e entrevistas) elas analisam como se constrói um estilo feminino próprio na interação verbal, tanto pela condução do tópico discursivo quanto pelos marcadores conversacionais. Um dado interessante, entre várias conclusões, diz respeito às diferenças de estilo em entrevistas conduzidas por homens e por mulheres, apontando talvez para a necessidade de se refletir sobre a forma de se interrogar os informantes nas pesquisas de gênero.

O estudo da equipe de Maria Inês Moreira sobre violência conjugal, um campo já bastante estudado por outras pesqui-

sadoras, aborda a problemática na perspectiva da Psicologia. A pesquisa iniciada na Delegacia da Mulher de Belo Horizonte teve como proposta fazer falar as mulheres, ajudando-as a compreender sua posição de mulher amarrada a laços afetivos dentro do casamento. Apesar da interessante análise da vitimização expressa nos relatos das informantes, sentimos falta, no entanto, de uma contribuição específica da Psicologia a este campo, uma vez que a violência doméstica longe de se extinguir pela denúncia, parece se repetir e ampliar a cada nova crise conjugal.

Também sobre a violência é o artigo de Maria Aparecida de Moraes Silva a respeito de mulheres bóias-frias na colheita de cana em São Paulo. Utilizando-se da análise foucaultiana sobre o poder, a autora mostra como o caminhão e o eito, além de espaços de dominação de classe, são também espaços de dominação de gênero, pois em ambos as mulheres estão sujeitas a cantadas, agressões e assédio sexual por parte de empregadores e de colegas trabalhadores. Ao analisar as estratégias femininas para ganhar mais no eito ou para se protegerem no caminhão, a autora aponta para situações de convivência com o assédio sexual, assim como para estratégias mais sutis de resistência.

Ao finalizar a leitura deste livro percebemos com satisfação que, apesar de alguns deslizes, já se foi o tempo em que falar de mulher implicava necessariamente em chavões sobre a "submissão feminina". Observamos também a pluralidade de referências bibliográficas que remetem muito mais ao campo disciplinar das autoras do que a um referencial teórico único de estudos de gênero, o que certamente enriquece a coletânea. No entanto, a diversidade temática se contrapõe uma certa unidade metodológica, mostrando ao leitor que parece haver um diálogo silencioso entre as autoras. Certamente os seminários promovidos entre as participantes do V Concurso devem ter contribuído neste sentido.

MIRIAM PILLAR GROSSI ■